



CCB

22 MAR 26

**ALEX E A BANDA FANTASMA
DE DAVID MASLANKA
BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA**

**ARTES
PERFORMATIVAS**

Temporada
2025/2026

Centro Cultural de Belém
Pequeno Auditório
domingo, 11h00
+6
Duração aproximada: 50 min

Programa

David Maslanka (1943–2017)

Alex e a Banda Fantasma

James Barnes (1949)

Fantasy Variations sobre um tema de Niccolò Paganini

Direção Musical **Rita Castro Blanco**

Banda Sinfónica Portuguesa

Narração e Comentários **Susana Henriques**



Banda Sinfónica
Portuguesa

Direção Executiva **Francisco Ferreira**

Direção Artística **Horácio Ferreira**

Maestro Associado **José Rafael Pascual Vilaplana**

Montagem e Produção **Dino Gabriel, Carlos Rodrigues**

Secretariado **Mariana Aguiar**

Comunicação **Luís Oliveira**

ALEX E A BANDA FANTASMA DE DAVID MASLANKA (1943–2017)

Alex e a Banda Fantasma, de David Maslanka (1943–2017), é uma obra interessante a vários níveis, uma vez que são verificáveis múltiplas características na mesma. Porém, aquela que parece ser a principal particularidade da obra prende-se com o seu potencial pedagógico. Assim, como podemos deduzir do próprio título, existe uma narrativa infantil que tem como principal objetivo apresentar aos jovens (de todas as idades) os instrumentos que integram uma banda de sopros. Poderíamos até dizer que se trata de uma aula viva de organologia (ciência/disciplina que estuda a morfologia dos instrumentos musicais).

Deste modo, inspirando-se no conto *The Thirteenth Hour* (de Kathryn Maslanka), o compositor David Maslanka convida o ouvinte a embarcar numa viagem pelo mundo dos sons à descoberta da sonoridade típica de cada um dos principais instrumentos de sopro. Para isso, recorre a este conto, através do qual cria um enredo em que Alex anda pelo mercado em busca do presente perfeito para o pai: uma flauta.

Porém, ao fixar-se nos ponteiros da torre do relógio, Alex percebe que algo não está certo, uma vez que conta treze badaladas. No exato momento em que ouve a 13.^a badalada, todo o frenesim típico de um dia de mercado congela e Alex ouve, ao longe, música. É levado (por Fiona) até um velho teatro no qual encontra um letreiro: «Banda Real de Sua Majestade». Ao entrar, depara-se com um ambiente peculiar: conseguia ver e ouvir os instrumentos, contudo não existiam músicos, tendo por isso cada um dos instrumentos vida e vontade própria – detalhe narrativo que justifica o título *Alex e a Banda Fantasma*.

A partir desse momento, o jovem Alex apresenta-se à batuta, que vigorosamente o questiona sobre os seus propósitos. Após este diálogo, Alex pega na batuta e aponta-a aos diferentes instrumentos da banda, de modo a descobrir e ouvir a sonoridade de cada um deles. Toda esta narrativa onírica termina no momento em que Alex é despertado e descobre que tem no bolso a flauta perfeita para oferecer ao pai.

Considerando a dimensão narrativa apresentada, é a partir da mesma que Maslanka cumpre o seu propósito de tornar a obra acessível ao público jovem e afirmar a já referida dimensão pedagógica da peça. Na verdade, no momento em que Alex segura a batuta em direção a cada um dos respetivos instrumentos (trompetes, tuba, flauta, trombone, saxofones, entre outros),

é possível ao ouvinte não só identificar e caracterizar de forma imediata as particularidades de cada uma das sonoridades, mas também conhecer o nome dos instrumentos, através da narração amplamente detalhada.

Por outro lado, evidencia-se ao longo da peça uma clara simplicidade melódica, aspeto que pode ser justificado não só pelo propósito pedagógico mencionado, mas também pela opção estética do próprio compositor, que se inspira em ideias relativamente simples, como afirma: «Grande parte da minha música nasce de ideias extremamente simples (...) nunca rejeito uma ideia por me parecer demasiado simples (...)»¹.

Efetivamente, em Maslanka (e em particular nesta obra), é especialmente interessante a maneira como um compositor da nossa era não receia nem evita a utilização de material melódico e harmónico de uma forma que, por muitos, poderia ser entendida como ultrapassada. Tudo isto para alcançar o seu principal objetivo: a ampla disseminação e divulgação musical junto do público infantil. Como o próprio afirma: «a música tem de se expandir pelo mundo (...) e pelas crianças.»²

Fantasy Variations sobre um tema de N. Paganini

Niccolò Paganini (1782–1840) é um nome maior da história da música do período romântico. A destreza técnica deste compositor e violinista era de tal ordem que, segundo relatam os meandros históricos, haveria quem concebesse a possibilidade de ter feito um pacto com o diabo, no qual trocaria a própria alma em virtude do reconhecimento desmedido das suas capacidades enquanto compositor e virtuoso do violino.

Mito? Possivelmente.

Do ponto de vista histórico, não existem (até ao momento) informações que possam corroborar esta narrativa algo romanceada. Porém, é factual e amplamente verificável a influência que as obras deste compositor tiveram – e continuam a ter – na técnica e no repertório do violino moderno.

1 Tradução do autor. Retirado do artigo/entrevista de Matthew Maslanka a David Maslanka, publicada a 27 de setembro de 2016: «Much of my music arises out of extremely simple ideas (...) I never reject an idea because it seems too simple (...)».

2 Tradução do autor. Citação presente na transcrição de um ensaio da obra dirigido por David Maslanka, outubro de 2016: «(...) music has to go out through the world (...) and through Children».

Exemplo paradigmático são os 24 *Caprichos* que Paganini dedicou a este instrumento, em particular o 24.º Capricho, considerado por muitos uma das principais «provas de fogo» do repertório violinístico devido à sua elevada complexidade técnica.

Sendo este capricho um tema com variações, no qual o compositor explora uma miríade de técnicas particularmente exigentes próprias do violino, emergiu ao longo da história um elevado apelo e interesse por esta obra. Tal facto comprova-se pelos diversos compositores que utilizaram este tema musical em obras próprias, como Franz Liszt, Robert Schumann, Johannes Brahms ou Sergei Rachmaninoff.

O mesmo acontece com o compositor americano James Barnes

Em *Fantasy Variations on a Theme of N. Paganini*, Barnes utiliza este tema musical como matéria-prima para a escrita de uma obra dedicada exclusivamente a banda/orquestra de sopros. Também o compositor americano trata esta ideia musical de vinte formas distintas, criando variações — agora aplicadas a instrumentos de sopro e percussão — daquele que é um dos principais símbolos do virtuosismo romântico.

Perante este enquadramento, poderia surgir a questão: o que são variações?

Efetivamente, trata-se de uma daquelas interrogações aparentemente simples que têm sido amplamente debatidas por vários teóricos, revelando a complexidade conceptual do termo. Poder-se-ia afirmar que esta questão admite tantas respostas quanto os diferentes termos utilizados ao longo da história para designar esta prática, como *variatio*, *glosas*, *mudanzas*, *Veränderung*, entre outros.

Sem pretender dispersar o ouvinte/leitor, uma possível — e bastante simplificada — resposta poderá ser encontrada na definição apresentada por Elaine Sisman: «Variação: Uma forma assente na repetição (...) na qual um determinado tema é repetido diversas vezes com diferentes modificações.»³

3 Tradução do autor, retirada do artigo *Variations*, de Elaine Sisman, em *The New Grove Dictionary of Music and Musicians*, vol. 26: «Variations: A form founded on repetition (...) in which a discrete theme is repeated several or many times with various modifications.», pp. 284–326.

Muito poderia ser dito sobre a forma como Barnes trata o tema. Contudo, a principal mais-valia desta obra parece residir no cuidado e respeito (quase reverente) que o compositor demonstra pela idiomática de cada instrumento — algo expectável de um renomado professor de orquestração, especialmente se considerarmos a sua própria afirmação: «Orquestração (...) é o momento do processo criativo onde a arquitetura se encontra com o engenho (...)».⁴

Assim, a audição desta obra transforma-se num momento de íntimo deleite, no qual a beleza ímpar característica deste reconhecido tema assume, em cada variação, novas particularidades que surpreendem mesmo os ouvintes mais informados. Merece especial atenção a Variação V, na qual, num *Moderato assai*, o compositor coloca o tema na tuba, explorando um melodismo de particular intensidade expressiva. Ou ainda a Variação XVII, em que Barnes, com alguma ironia, recorre ao naipe da percussão — em particular ao xilofone e ao triângulo — apresentando o tema de forma quase fantasmagórica.

Por fim, destaca-se a variação final, na qual, através de um *tutti* instrumental, o compositor cria uma textura densa que remete o ouvinte para os tempos áureos das sinfonias românticas.

Em suma, esta obra — encomendada em 1987 pela United States Marine Band — revela uma das principais preocupações estéticas de James Barnes: a utilização e consequente aproximação de repertório consagrado pela tradição histórica a uma instrumentação/orquestração frequentemente injustamente menosprezada — a banda de sopros. A este propósito, o próprio compositor questiona: «Qual o motivo para muitos de nós, nas bandas, sentirmos um complexo de inferioridade sobre as bandas de sopros e este tipo de música?»⁵

João Nepomuceno Bataca

4 Tradução do autor. Afirmação presente em *Composers on Composing for Band*, editado por Mark Camphouse: «Orchestration (...) is the point in the creative process where the architect meets the engineer.», p. 6.

5 Tradução do autor. Citação de James Barnes presente em *Composers on Composing for Band*, editado por Mark Camphouse.



© DR

RITA CASTRO BLANCO

Rita Castro Blanco é uma promissora jovem maetrina portuguesa, tendo já conduzido a Staatstheater Darmstadt, a Orquestra Gulbenkian, a Real Filarmonía de Galicia, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Sinfónica de Navarra, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, entre outras. Desenvolve a sua carreira maioritariamente em Portugal e no Reino Unido. Entre 2019 e 2022, foi Maestrina Titular da Huddersfield Philharmonic Orchestra e desempenhou ainda funções como Maestrina Assistente da City of Birmingham Symphony Orchestra, nas temporadas 2023/2024 e 2024/2025.

Rita Castro Blanco revela interesses musicais diversificados, incluindo música contemporânea e ópera, tendo sido *conducting fellow* do Verbier Festival (2024), do Tanglewood Festival (2022), do Lucerne Festival e do Festival d'Aix-en-Provence (ambos em 2021). Iniciou os seus estudos em Direção de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra, ingressando posteriormente no Royal Northern College of Music, onde estudou com Clark Rundell e Mark Heron. Ao longo do seu percurso formativo, teve o privilégio de participar em conceituadas *masterclasses* e trabalhar com destacados maestros e pedagogos internacionais.

Entre estes, destacam-se Sir Mark Elder, Andris Nelsons, JoAnn Falletta, Emmanuel Ax, Johannes Schlaefli, Mark Stringer, Thomas Hengelbrock, Mark Shanahan, Jessica Cottis, bem como colaborações com a BBC Philharmonic, City of Birmingham Symphony Orchestra (CBSO), Stavanger Symphony Orchestra, Balthasar Neumann Ensemble, Royal Opera House e London Sinfonietta.

Os seus compromissos mais recentes incluem projetos com a World New Music Days 2025, Deutsche Philharmonie Merck, Festival Itinerante de Ópera e o Gstaad Menuhin Festival.



BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA

A Banda Sinfónica Portuguesa (BSP), com sede na cidade do Porto, estreou-se a 1 de janeiro de 2005 no Rivoli — Teatro Municipal do Porto, onde gravou também o seu primeiro disco. Desde então, tem-se afirmado como um agrupamento de excelência no panorama das orquestras de sopros e percussão, apresentando-se regularmente nas mais importantes salas de espetáculo portuguesas, como a Casa da Música, o Coliseu do Porto, a Fundação de Serralves e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Paralelamente, tem desenvolvido colaborações com municípios e instituições culturais. A nível internacional, a BSP já atuou em Espanha, nos Países Baixos e na China.

A sua discografia reflete a diversidade e qualidade artística do agrupamento, incluindo álbuns como *A Portuguesa* (2010), *Traveler* (2011), *Hamlet* (2012), *Oásis* (2013), *Grand Concerto pour Orchestre d'Harmonie* (2014), *Sinfónico com a banda Quinta do Bill* (2015), *Trilogia Romana* (2015), *Porto* (2016), *The Ghost Ship* (2017) e *Música Ibero-Americana* (2019).

Ao longo da sua existência, a BSP tem promovido o vasto repertório para a sua formação, abrangendo desde arranjos clássicos a estreias contemporâneas. Tem igualmente fomentado a música portuguesa, através da encomenda de

obras a compositores como Luís Tinoco, Jorge Salgueiro, Luís Carvalho e Pedro Lima, entre outros.

A banda tem ainda incentivado cruzamentos disciplinares com o Teatro O Bando e a Companhia Olga Roriz, bem como com o Quarteto Contratempus. A vertente pedagógica da BSP inclui iniciativas como o festival BSP Júnior, cursos de direção e aperfeiçoamento artístico, concursos de composição e parcerias com instituições públicas de ensino.

Entre as distinções alcançadas, destaca-se o 1.º lugar no Concurso Internacional de Bandas de La Sénia (2008) e a mais alta pontuação da história do World Music Contest, em Kerkrade, Países Baixos (2011). A BSP foi também convidada a participar na 18.ª edição do World Music Contest, em Kerkrade, e na 17.ª Conferência Mundial da World Association for Symphonic Bands and Ensembles, em Utrecht. Em 2023, foi distinguida pela RTP e pela Antena 2 pelo seu contributo para a cultura portuguesa.

A BSP é uma associação cultural sem fins lucrativos, com estatuto de instituição de utilidade pública. Francisco Ferreira exerceu o cargo de Maestro Titular e Diretor Artístico desde a fundação da banda. Atualmente, a Direção Artística está a cargo de Horácio Ferreira, sendo José Rafael Pascual Vilaplana o Maestro Associado.



© DR

SUSANA HENRIQUES

Comentários

Susana Henriques, natural das Caldas da Rainha, divide a sua atividade entre a docência, a criação artística, a programação e a narração de concertos. Entre 2010 e 2020, teve a seu cargo a Direção Pedagógica do Conservatório de Música da Metropolitana, a Direção Artística da Piccola Orquestra Metropolitana e, desde 2005, é professora coordenadora na Escola Raiz.

Iniciou a sua formação musical aos oito anos na Sociedade Filarmónica de Alvorninha, Conservatório de Caldas da Rainha e Conservatório de Música da Metropolitana. O seu interesse pela pedagogia musical começou no ano 2000, quando iniciou a sua atividade profissional com crianças, licenciando-se na Escola Superior de Educação de Lisboa. Desde então frequenta cursos nacionais e internacionais de pedagogia musical. Apresenta-se regularmente como narradora de concertos, destacando-se as narrações com a Orquestra Metropolitana de Lisboa das obras *Pedro e o Lobo* de Sergei Prokofiev, *Carnaval dos Animais* de Camille Saint-Saëns, *A Menina do Mar* de Sophia de Mello Breyner, *Ma Mère L'Oye* de Maurice Ravel e música de Fernando Lopes Graça. Gravou com a Orquestra de Cascais e Oeiras as obras *O Violino com Verniz de Ouro* e *As Aventuras do Trompete Júpiter*.

Como narradora, participou ainda na estreia de obras do compositor Lino Guerreiro (*As Fábulas de La Fontaine*, *O Feiticeiro de Oz* e *Bichos* de Miguel Torga), tal como na estreia das obras do compositor Sérgio Azevedo (*O Veado Florido*, *O Pequeno Príncipe*, *O Grande Voo do Pardal*, *Um Conto de Natal de Charles Dickens*, *Kó & Kó Os Dois Esquimós* – com imagens da pintora Maria Helena Vieira da Silva e texto de Pierre Guegen). Apresentou-se em salas como o Centro Cultural de Belém, Cinema São Jorge, Teatro Thalia, Fórum Luísa Todi, Teatro Joaquim Benite, Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha, entre outras.

Recentemente, apresentou-se nos Concertos Promenade do Coliseu do Porto (2023), na temporada de Concertos Comentados no Centro Cultural de Belém (2024) e na estreia da obra *O Cágado* de Almada Negreiros do compositor Sérgio Azevedo, uma encomenda da Casa de Portugal em Paris (2024). O trabalho que desenvolve tem proporcionado uma experiência alargada ao nível da programação, criação artística e pedagógica num contexto interdisciplinar e inclusivo para os mais diversos públicos. É Adjunta do Diretor Artístico do Teatro Nacional de São Carlos desde setembro de 2025.

BANDA SINFÓNICA PORTUGUESA

Flautas

Herlânder Sousa

Daniela Anjo

Tiago Santos *

David Leão (Piccolo)

Oboés

Juliana Félix

Fernanda Amorim (Corne Inglês)

Fagotes

Pedro Rodrigues

Rui Óscar *

Clarinetes

Crispim Luz (Concertino)

Marco Sousa *

Pedro Ramos

Alcina Azevedo

João Ramos

Bruno Silva

Edgar Silva *

Bruna Moreira *

André Silva

Ana Rita Petiz

Luísa Marques

Hugo Mendes (Requinta)*

Hugo Folgar (Cl. Baixo)

Ângelo Santos (Cl. Contrabaixo)*

Saxofones

Inês Alves (Alto) *

Rita Pereira (Alto)*

Isabel Anjo (Tenor)

Lúcio Monteiro (Tenor)*

Marcelo Marques (Barítono)

Trompas

Samuel Ferreira

Rui Pires

Renato Oliveira *

Hélder Vales

Trompetes

Telmo Barbosa

Tiago Peixoto

Sérgio Pereira

Carlos Martinho

Bruno Miguel Rodrigues *

Hélder Cruz *

Trombones

Tiago Nunes

Joaquim Oliveira

Gonçalo Dias (Trombone Baixo)

Eufónios

Nuno Costa

Luís Gomes

Tubas

Jorge Fernandes

Fábio Rodrigues *

Percussão

Rafael Picamilho (Tímpanos)*

Luís Santiago

Paulo Mota

Jorge Lima

Jorge Pereira *

Daniel Araújo *

Contrabaixo

André Gonçalves *

* Instrumentistas convidados



SUBSCREVA A NEWSLETTER CCB

GARANTA A MELHOR EXPERIÊNCIA

ccb.pt/newsletter

JÁ A SEGUIR

Ciclo Concertos Comentados – Orquestras

A HISTÓRIA DO PEQUENO ALFAIATE DE TIBOR HARSÁNYI ARS HAD HOC

Concerto comentado por **Susana Henriques**

O ars ad hoc diferencia-se pela qualidade das suas interpretações e pelo igual à vontade com que se move entre música de diferentes estilos e épocas. Na sua oitava temporada, o ars ad hoc estreia-se no Centro Cultural de Belém, com a apresentação de *Esercizio di Pazzia I*, de Francesco Filidei, e *A História do Pequeno Alfaiate* (1939), uma obra para octeto instrumental criada pelo compositor húngaro Tibor Harsányi (1898–1954), a partir do conto *A História do Pequeno Alfaiate Valente*, dos irmãos Grimm.

19 ABRIL

domingo, 11h

Sala Luís de Freitas Branco

+6



Uma Cidade. Um Museu. Tantos Palcos.

One City. One Museum. So many Stages.

Entrada gratuita Free admission

MAC/CCB

Museu de Arte Contemporânea MAC/CCB e Centro de Arquitetura

MAC/CCB Museum of Contemporary Art and Architecture Centre

30% desconto 30% discount

Espetáculos CCB CCB Performing Arts

Estacionamento Gratuito Free parking

Em visitas ao museu, espetáculos ou compras superiores a 20€

For museum visits, performances, or purchases over €20

Convite para um espetáculo Invitation to a performance

Inaugurações, Eventos e Visitas Exclusivas às Exposições

Exclusive Openings, Events and Visits to Exhibitions

Desconto Discount

Lojas e Restaurantes CCB

CCB Stores and Restaurants

Newsletters exclusivas

Exclusive Newsletters



Cartão CCB

Descubra as vantagens em ccb.pt/cartao

Discover the advantages at ccb.pt/cartao

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA



PARCEIRO DE IMAGEM
E MULTIMÉDIA



SONY

APOIO INSTITUCIONAL AO PROGRAMA
DE MEDIAÇÃO DE MÚSICA ERUDITA

El Conte Inglês

PARCEIRO PARA A
SUSTENTABILIDADE

ponto verde



Financiado pela
União Europeia
NextGenerationEU